

BOUZA, Fernando; CARDIM, Pedro; FEROS, Antonio (eds) (2020). *The Iberian World: 1450-1820*. London: Routledge, 736 pp., ISBN: 978-1-138-92101-6.

Constituído por 32 textos, redigidos por vários historiadores, *The Iberian World: 1450-1820* é um livro marcado pela sua natureza abrangente, o que reflete na composição de seus autores, temáticas, cronologia e abordagem analítica. Os 52 colaboradores, especialistas em diversas áreas da História, possuem múltiplas origens geográficas e acadêmicas, o que abre o livro a um plural debate historiográfico. A amplitude também se constata no conteúdo dos capítulos, os quais cruzam uma miríade de matérias, abrangendo a história social, política, cultural, econômica, religiosa e da arte, formando um policromático mosaico temático. A vasta cronologia, delimitada entre os séculos XV e XIX, percorre toda a época moderna.

Maior destaque merece a ampla perspectiva de análise, certamente o traço mais distintivo do livro. Adotando um enquadramento amplo, o mundo ibérico, os autores alternam sua atenção entre as monarquias portuguesa e espanhola, além de alcançarem seus espaços imperiais ultramarinos. Tal moldura ibérica não consta apenas no título, mas é observada ao longo de todo trabalho. Em outras palavras, os universos luso e hispânico não são estudados em capítulos separados e, ao final, coligidos numa mesma publicação. Ao contrário, os textos percorrem, em paralelo, as duas experiências, através de uma perspectiva comparada, utilizada para revelar similitudes e contrastes existentes nos multifacetados territórios, bem como para desconstruir supostos excepcionalismos.

Conjugada com a perspectiva comparada, observa-se a aplicação da perspectiva transnacional, atenta às conexões, às interações, aos entrelaçamentos, bem como aos conflitos e tensões que teceram o mundo ibérico. Mirando no aquém e no além-mar, os estudos desvelam influências mútuas, circulação de pessoas, ideais e modelos que aproximaram os diversos territórios, além dos choques e embates que os sacudiram. Tal abordagem, presente de forma mais acentuada na segunda parte do livro (dedicada à expansão ultramarina e aos impérios), procura expor a interconexão destes espaços, através de uma análise integrada.

Nos últimos vinte anos, a opção de investigar as monarquias portuguesa e hispânica, a partir de uma leitura integrada, tem atraído parte da historiografia debruçada sobre o período moderno. Avançando em relação aos trabalhos com viés meramente nacional, tais estudos, ainda escassos, buscam captar a complexidade dos fenômenos e atingir uma compreensão mais profunda dos

processos numa época marcada por forte integração mundial. Nesse sentido, ultrapassando as fronteiras reinóis ou imperiais, a obra *The Iberian World: 1450-1820* conseguiu realçar as dimensões globais da história ibérica, razão pela qual poderia também ser identificada com a perspectiva global de análise.

O livro é estruturado em quatro partes, a partir de balizas cronológicas e territoriais. No entanto, tais limites não são rígidos, sendo, por vezes, extrapolados pelos autores, no propósito de favorecerem a compreensão de seus objetos.

A primeira parte, a mais extensa da obra, é dedicada à Península Ibérica nos séculos XV a XVII. Englobando doze capítulos, abarca uma vasta gama temática. Nela, sobressai a dimensão política, central em ao menos quatro textos (capítulos 1, 2, 3 e 6), os quais abordam, com profundidade, o processo de formação, a organização territorial e a arquitetura político-administrativa das monarquias hispânica e lusa, as dinâmicas políticas peninsulares, as rivalidades com outras potências europeias e a União das Coroas ibéricas.

Nesse âmbito, vislumbram-se a interpenetração da cultura política e jurídica no espaço peninsular, a negociação e o diálogo permanentes entre as Coroas e as elites, a natureza compósita da monarquia hispânica e sua hegemonia na Europa, a partir do final do século XV. Entrelaçadas por meticulosas alianças matrimoniais, disputas territoriais e tratados diplomáticos, as entidades políticas ibéricas teciam complexas e ambivalentes relações entre si, permeadas por tensões políticas intermitentes.

Além do mundo político, a seção incorpora as esferas social, religiosa, cultural e económica, apresentando estudos sobre: as múltiplas identidades católicas nos âmbitos peninsular, atlântico e asiático (capítulos 4 e 11); as redes imperiais moldadas no Mediterrâneo, através da atividade corsária e do tráfico de escravos, e a escravidão na Península Ibérica, questionando o mito de seu suposto “excepcionalismo”, isto é, de uma relativa “benevolência” do sistema escravocrata em Portugal e Espanha, tema por muito tempo negligenciado pela historiografia (capítulos 5 e 12); a sociedade ibérica, entendida como um complexo social dinâmico, composto por grupos sociais heterogêneos, com fronteiras permeáveis, acentuadas hierarquias internas e suscetível à mobilidade social (capítulo 7).

Analisa-se ainda as mulheres no mundo ibérico, sob uma ótica renovada, enquanto sujeitos ativos, capazes de exercer papel autônomo na esfera da governança, na vida cultural e religiosa e em pleitos jurídicos, rompendo com uma recorrente visão historiográfica que as concebe como vítimas em absoluto, destituídas de qualquer direito ou poder (capítulo 8); e a integração económica dos reinos português e espanhol e a relação entre cultura e as diferentes formas de comunicação nos âmbitos imperiais (capítulos 9 e 10).

Partindo do preceito que é impossível compreender a trajetória histórica

moderna de Portugal e Espanha desconsiderando suas projeções imperiais, devido ao caráter profundamente transformador da experiência colonial, a segunda parte do volume avança sobre a expansão marítima e os impérios ultramarinos nos séculos XV a XVII. Constituída por dez capítulos, reúne, assim como a seção anterior, um vasto leque temático. Os capítulos abordam a construção dos impérios luso e hispânico, os processos de conquista, o aparato administrativo, o caráter negociado do exercício do poder na governança imperial e as diferentes nuances da colonização no além-mar (capítulos 13, 14 e 15).

Examinam as sociedades coloniais na Ásia, a diversidade do estatuto legal dos povos asiáticos e sua incorporação nas instituições imperiais (capítulos 16 e 19); os povos ameríndios, sob uma perspectiva historiográfica renovada, a qual enxerga o protagonismo das ações indígenas nas negociações com autoridades civis e eclesiásticas, nas políticas de alianças, nas múltiplas formas de resistência, na utilização do sistema jurídico e nas petições dirigidas ao reino (capítulo 17); a participação de Portugal e Espanha no tráfico de escravos, a integração entre os povos europeus, indígenas e africanos no mundo atlântico em função da economia açucareira, os sistemas econômicos dos impérios ibéricos, suas conexões comerciais internacionais e o papel impulsionador dos impérios para a globalização (capítulos 18, 20 e 21); por fim, a produção artística colonial, sob a ótica da colaboração e negociação entre os colonizadores e os povos nativos (capítulo 22).

As unidades seguintes são notadamente menos volumosas e mais homogêneas, sob o ponto de vista temático. A parte 3, organizada em seis capítulos, dedica-se ao mundo ibérico setecentista. Seu eixo central gravita em torno do impacto das reformas empreendidas pelas Coroas portuguesa e espanhola (reformas Pombalinas e Bourbonicas), matéria fundamental em metade dos textos (capítulos 23, 24 e 26), além de perpassar os restantes. São discutidas suas principais medidas nos campos científico, cultural, administrativo e institucional, os atores nelas envolvidos, a ligação entre Iluminismo, ciência e império e os desdobramentos nos domínios ultramarinos.

Os demais capítulos exploram as rivalidades imperiais, a partir dos conflitos envolvendo as Coroas ibéricas (Guerra de Sucessão Espanhola, Guerra dos Sete Anos, Guerra de Independência Americana e Guerra Revolucionária Francesa) e a reverberação destas disputas em solo americano (capítulo 25); as alterações na dinâmica social peninsular e no Brasil, a formação de identidades coloniais na América hispânica e o desenvolvimento e as transformações nas economias ibéricas (capítulos 27 e 28).

A parte 4 é a última e menor divisão do livro, composta por 4 textos. A seção é destinada a debater as revoltas, revoluções e guerras que convulsionaram os reinos português e espanhol e despedaçaram os seus impérios nas centúrias

de Setecentos e Oitocentos. São apreciados os movimentos americanos de resistência, a relação das rebeliões coloniais do século XVIII com as reformas Pombalinas e Bourbónicas, os efeitos das guerras globais, sobretudo das invasões napoleónicas, no equilíbrio dos impérios, a crise das monarquias lusa e hispânica e os processos de independência das colónias americanas (capítulos 29, 30 e 32). Ademais, analisa-se a emergência dos regimes liberais em Portugal e Espanha e a construção de sua base constitucional, em meio às contradições e reveses, decorrentes do conturbado momento político (capítulo 31).

De um modo geral, o conjunto de textos ancora-se em estudos historiográficos recentes e inovadores, proporcionando um panorama da produção atual sobre cada tema em debate. Fontes primárias, todavia, foram menos utilizadas. Cabe ressaltar a presença de ilustrações na quase integralidade dos capítulos, a pedido dos editores que estimularam o uso de materiais iconográficos.

A extensa obra delinea um complexo mundo ibérico, atravessado por dinâmicas peninsulares e globais, confrontado pelos desafios advindos da expansão marítima e da colonização de longínquos territórios, espalhados por quatro continentes e povoados por uma mistura fervilhante de povos, crenças e costumes. Longe de adotar um tom celebrativo, configura um estudo crítico da história ibérica, assinalando a violência e a intolerância dos processos, ao passo que evidencia, amparado em resultados de pesquisas recentes, as práticas de negociação, adaptação, reformulação e flexibilidade exigidas para acomodar idiosincrasias locais. Reconstituindo a autonomia dos diversos atores históricos – muitos longamente eclipsados pela historiografia (mulheres, povos indígenas e escravos) –, e abarcando os diversos contextos ultramarinos (ilhas atlânticas, África, Ásia e América), em maior grau o mundo atlântico, os editores pretenderam construir uma narrativa plural, superando um enfoque eurocêntrico.

O largo enquadramento é fundamental para uma compreensão aprofundada da história dos impérios português e espanhol, detentores de projeção global desde o século XVI. Traçando paralelos e demarcando distinções, sob uma perspectiva comparada e conectada, o livro traz rica contribuição para o conhecimento histórico, em seus diversos campos, para além das fronteiras linguísticas luso-espanholas. Publicada em língua inglesa, a obra deverá ecoar mais facilmente no mundo anglófono, apontando caminhos para novas pesquisas e estimulando o interesse global sobre o multifacetado mundo ibérico.

ISABELA AUGUSTA CARNEIRO BEZERRA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

isabela.bezerra@ifpb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5710-9440>